

# UMA EXPERIÊNCIA DE APLICAÇÃO REMOTA DO DISCOURSE COMPLETION TASK A ENTOAÇÃO DO PORTUGUÊS EM CONTATO EM TIMOR LESTE

*Marco Barone*

Universidade Federal de Pernambuco

*Davi Borges de Albuquerque*

Universidade Federal de Goiás

### 1 A FONOLOGIA DA ENTOAÇÃO

Nas línguas entoacionais a variação tonal é utilizada para modificar não os significados dos itens lexicais, mas sim a modalidade ou o valor pragmático da sentença, que também são chamados de ‘significados pós-lexicais’. A pesquisa sobre a entoação é escassa e relativamente recente, e concentrada nos aspectos fonéticos, devido sobretudo à relativa falta de ferramentas conceituais para a discretização e a transcrição da entoação e de suas unidades relevantes para a diferenciação de significados, diferente do que acontece com as unidades segmentais.

A inexistência de um sistema ortográfico para os fenômenos fonológicos da entoação também atrasou os estudos de variação e comparativos, e tal atraso contribuiu para que algumas observações ‘soltas’ de fenômenos em línguas individuais, por mais que recorrentes, fossem generalizados pelo ouvinte desprovido a toda língua e variedade. Com isso, passa-se a impressão errada de que os modos

de associação entre entoação e valor pragmático sejam universais e translinguísticos, construindo-se mitos como: ‘a entoação das afirmações é descendente e a das perguntas contém algum movimento ascendente’ ou ‘a ênfase se caracteriza por um tom alto na sílaba tônica da palavra enfatizada’.

O fato é que tais tendências de uso icônico, fonossimbólico e paralinguístico da entoação, que Gussenhoven (2015) chama de ‘códigos biológicos’, apesar de serem correlacionados com a maioria dos sistemas de entoação e de serem universalmente reconhecíveis pelos humanos, convivem com um uso arbitrário, convencional e língua-específico, derivado da estrutura linguística, que pode chegar a inverter a previsão ditada por tais códigos. Os estudos sobre a variação dos contornos melódicos associados, em diferentes línguas e variedades, a um mesmo tipo pragmático de sentença, têm apontado cada vez mais para a natureza convencional e língua-específica da entoação: é o caso dos *high-rise-terminals* em inglês, das declarativas e perguntas polares do Chickasaw (GORDON, 2003) e, em âmbito românico, dos contornos médio-descendentes dos focos contrastivos e das perguntas polares no contexto italiano (BARONE, 2020). As documentações recentes distinguem 35 tipos pragmáticos, chegando a multiplicar as chances de comportamentos entoacionais menos previsíveis.

O signo entoacional é, assim, a associação convencional, em dado repertório delimitado, entre significantes entoacionais (contornos melódicos e suas unidades menores) e significados pós-lexicais (modalidade e outras nuances pragmáticas, epistêmicas ou informativas) que definem o valor ou tipo pragmático da sentença. Enquanto a fonologia clássica, ou segmental, se constitui como correspondência entre um plano fonético e um plano semântico, a fonologia da entoação poderá assim ser chamada de ‘fono-pragmática’. Assim como para a fonologia clássica, o alcance do sistema linguístico considerado a cada vez é crucial para entender a natureza das alofonias: em um repertório com mais variedades presentes no inventário da percepção (por exemplo, na variação diatópica), as alofonias se dão na competência passiva, porém, se existir variação livre em produção (ex: variação de registro), também na competência ativa.

Devido a tais considerações, é razoável que os estudos de documentação da fonologia da entoação foquem em uma variedade local por vez, e que não faz muito sentido falar, por exemplo, da entoação ‘do português’ como um tudo, ou ter expectativa que as variedades de uma mesma língua, pertencendo a realidades geográficas distintas, apresentem macrocaracterísticas suprasegmentais

comuns que possam agrupar suas entoações em uma família única. A própria definição de ‘entoação brasileira’, utilizada nos primeiros estudos dentro e fora do Brasil, embora apresente algumas tendências comuns, a depender do tipo de frase, não é uma expressão adequada ao nível de análise variacionista atual. Gili-Fivela et al. (2015) mostram como a realidade de um território relativamente pequeno como a Itália, com uma língua segmental comum (porém heranças linguísticas muito diferenciadas) apresenta a beleza de 7 contornos entoacionais possíveis para as perguntas polares neutras em apenas 13 variedades locais analisadas para este tipo frasal.

Por ser transmitida de pais para filhos e incorporada, por hábito e frequência, na interação e exposição ao convívio local, a entoação deve espelhar uma continuidade de matriz genética. Mesmo assim, para certos tipos de frase, é possível achar usos da entoação muito diferentes em realidades geográficas relativamente próximas, assim como, línguas muito distantes que, por coincidência, acabam usando o mesmo contorno. A suportar tamanha variação microareal e falta de coerência com a variação segmental e seu sistema de agrupamentos genético-tipológicos, concorre a ausência de uma norma padrão da entoação na maioria das realidades nacionais e escolares. Devido à sua inconsciência como fenômeno sistêmico, a entoação não é sensível às mesmas forças de reação que delimitam as línguas segmentais, tais como a cristalização da escrita.

Para certo tipo de frase, pelo contrário, a resistência à mudança no tempo pode ser tamanha que o mesmo contorno sobrevive longamente nas línguas derivadas em situações de diáspora, dando informações valiosas acerca da história linguística, o que torna a entoação uma potencial aliada da linguística histórico-comparativa e um novo campo de estudos de reconstrução no futuro próximo.

Esse desatrelamento conceitual entre entoação e nível segmental na definição e no aprendizado linguístico também faz com que, em situações de contato ou aprendizado de L2, a entoação não seja aprendida juntamente à língua. Nesse caso, o falante de uma língua entoacional, aprendiz de outra língua entoacional, enxerga erroneamente seus próprios modos nativos de expressar a entoação, como subjetivos, livres e extrassistêmicos, aplicando-os à língua-alvo em um mecanismo chamado de transferência prosódica, e dificilmente presta atenção à entoação nativa da língua-alvo. Diferente é o caso dos falantes de línguas não entoacionais que, ao aprenderem uma língua entoacional precisam adquirir, pela

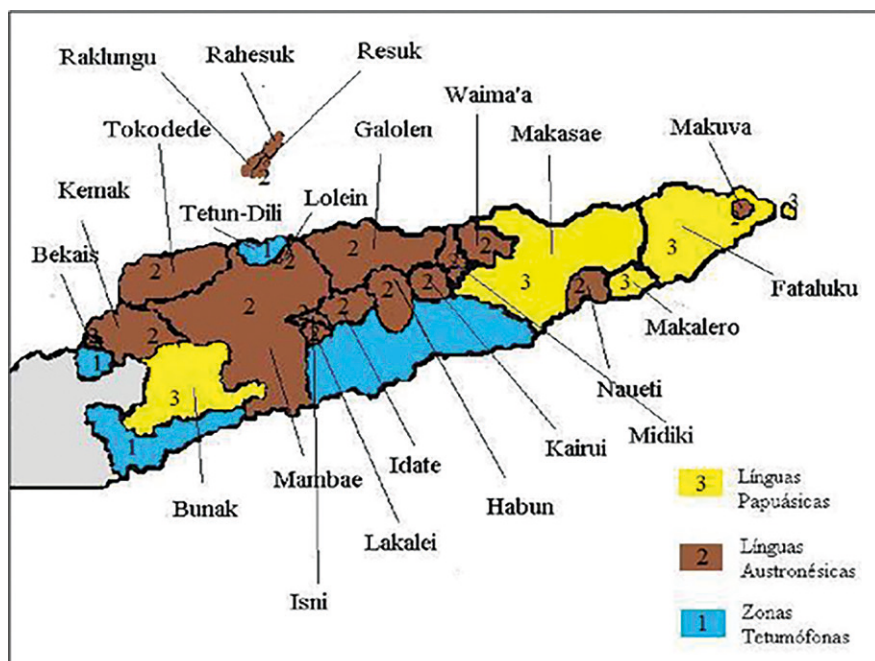
atenção e tentativa de reprodução, os mecanismos-alvo de produção de significados pós-lexicais, por não terem seus próprios para transferir e comunicar.

Se o falante-sujeito considera a entoação como um meio de expressão subjetivo, volátil e transponível de língua em língua, o sociolinguista, pelo qual o falante, com sua subjetividade, é um objeto de observação, diante da constatação que pessoas com herança linguística comum compartilham a entoação. Não se pode ignorar a natureza intrassistêmica da entoação e realizar o pulo epistemológico que permite vê-la não como um modo de expressão do material linguístico sujeito ao arbítrio do falante, mas sim como objeto de observação e descrição, parte do próprio material linguístico convencional, cujo conhecimento compartilhado garante a compreensão. Para tal descrição, como toda fonologia categoriza o que é distintivo, a fonologia da entoação precisará de uma ‘ortografia’ compatível que etiquete de forma distinta os contornos que produzem diferença de significado e suas unidades menores. Um tal sistema de etiquetagem, o ToBI (SILVERMAN, et al. 1992; FROTA, 2000), será apresentado na Seção 3, assim como a teoria métrica autosegmental, em cujos pressupostos ele foi desenvolvido. A seguir, fornecemos uma introdução histórica do nosso caso de estudo.

## **2 O CONTATO LINGUÍSTICO EM TIMOR-LESTE**

A República Democrática de Timor-Leste ocupa a porção oriental da ilha de Timor, localizada no sudeste asiático, e sua única divisa terrestre é com a parte ocidental, que pertence à Indonésia. Colônia portuguesa durante 4 séculos, após a Revolução dos Cravos o território passou duas décadas sob a dominação indonésia, até ter sua independência reconhecida somente em 2002. No território são faladas diversas línguas originárias, de origem papuásia e austronésia, cujo número é uma questão debatida e que Hull (2001) estabeleceu em 16. Juntamente a essas, o Tétum-Dili, ou Tétum-Praça, é a língua franca nacional, austronésia, com superstratos português e malaio, L2 da maioria da população e L1 apenas da região da capital e de outras regiões meridionais da ilha (Figura 1). A constituição de 2002 designa como línguas oficiais o português e o Tétum-Praça. Contudo, o português não é falado fluentemente por todos os falantes, sendo língua L3 da maioria dos falantes e geralmente L2 dos falantes nativos de Tétum-Praça.

Figura 1 – As línguas de Timor-Leste.



Fonte: Albuquerque (2011, p. 66).

Estudos recentes (Albuquerque, 2011; Afonso & Goglia, 2015; Batoréo, 2016) sugerem que o português de Timor Leste (PTL, doravante) seja uma variedade não dominante emergente em ‘estágio inicial’, ou ‘em construção’ que poderá se estabelecer como variedade nacional. Porém, para que o português possa ir além do estágio de língua estrangeira estudada pelos falantes locais, e se passe a falar em ‘português timorense’ ocorrem características de homogeneidade e coesão, certos traços que os falantes timorenses, e apenas estes, compartilham. É com esse intuito que o presente estudo se insere no debate acerca do estado de variedade do PTL, na esperança de localizar na entoação um conjunto de traços que seja comum e exclusivo de seus falantes, ou seja, de caracterizá-la como variedade entoacional. A ideia é que a língua compartilhada por todos os falantes, o Tétum, já tendo se amalgamado como língua mista de diferentes substratos originários, possa transferir seus contornos entoacionais para o português dos timorenses, tornando assim a entoação do português timorense um sistema fonológico bem definido, compartilhado e coerente.

O contato com o português em Timor-Leste teve como primeiros protagonistas os colonos portugueses. Assim sendo, a variedade europeia do português é a única que realizou um contato significativo com os locais. Reforçou-se

outrossim, depois do período da colonização, por meio da instrução, e os professores nativos que fisicamente se encontraram em contato com os aprendizes timorenses foram preponderantemente de origem portuguesa. A variedade europeia se apresenta, portanto, como uma forte candidata a ter contribuído para influenciar a entoação do PTL mediante um mecanismo de escuta e reprodução pela imitação. Todavia, devido ao estado de aprendizado ainda imperfeito junto à maioria dos falantes, à lenta internalização e à capacitação de docentes locais, podemos esperar que, se o Tétum tiver um sistema fonológico entoacional coeso, este tenha sido transferido ao português dos Tétum-falantes, pelo menos seus falantes L1.

## **2.1 Fundamentação teórica e metodologia: O modelo métrico autossegmental, o sistema de anotação ToBI e a metodologia do Discourse Completion Task**

O modelo métrico autossegmental (Pierrehumbert, 1980) se baseia na noção intuitiva que a camada dos eventos tonais seja sincronizada com a camada segmental, de modo que certos eventos tonais estariam alinhados temporalmente com outros ‘eventos’ da camada segmental (sílabas tônicas) e de tal alinhamento dependeriam os significados pós-lexicais.

Em primeiro lugar, é estabelecida a estrutura hierárquica do fraseamento prosódico, que determina qual é a maior unidade dotada de um único significado pós-lexical (o sintagma entoacional) e suas unidades menores, o sintagma intermédio, o grupo prosódico, o sintagma fonológico, a palavra prosódica, e, no nível sublexical, o pé, a sílaba e a mora. Ao sintagma entoacional é associado um contorno entoacional, que é a curva que a frequência fundamental desenha ao longo da emissão vocal de tal sentença, com suas subidas e descidas correspondendo às impressões acústicas de subidas e descidas da altura melódica (nota musical) associada a cada instante da pronúncia.

Todo contorno entoacional seria assim construído como uma interpolação substancialmente linear (a menos de fenômenos biológicos como a declinação) entre alvos tonais altos (H), baixos (L) ou, mais raramente, médios (!H) alinhados em certos pontos específicos da linha temporal e pelos quais a curva da frequência fundamental é obrigada a passar.

Em geral, os alvos tonais estão posicionados no final do sintagma entoacional, intermédio e em correspondência das sílabas tônicas, podendo haver um

só ou mais de um alvo, desenhando um movimento complexo em proximidade de tal sílaba tônica. Tais movimentos, geralmente monotonais ou bitonais, são chamados de acentos de frequência. Eles podem ocorrer apenas em posições já acentuadas no nível da palavra com acento primário, ou seja, sílabas tônicas, também chamadas de *tone bearing units* (TBU), mas não é necessário que todas as sílabas tônicas possuam de fato um acento frasal. Em correspondência com a última sílaba tônica do sintagma intermédio (que muitas vezes coincide com o sintagma entoacional) deve ser realizado um acento de frequência, que se chama acento nuclear, e contribui a determinar a pragmática da frase.

O sistema de anotação ToBI (*'tone and break indices'*) estabelece etiquetas de 0 até 4 (*break indices*), como delimitadores das unidades da hierarquia do fraseamento prosódico na segmentação da enunciação, desde a palavra fonológica até o sintagma entoacional. Nas fronteiras esquerda e direita do sintagma entoacional podem ser situados tons ou movimentos tonais, chamados respectivamente tom inicial e final de fronteira que, juntamente aos acentos de frequência, contribuem com a pragmática. Nas variedades do português até agora estudadas, o acento nuclear e o tom de fronteira final são relevantes fonologicamente. Os acentos de frequência são etiquetados por combinações de símbolos, como H\*, H+L\*, L\*+H, H\*+!H, H+H\* etc., onde o asterisco indica o tom alinhado com a sílaba tônica nuclear, podendo ou não haver outro alvo tonal, logo antes ou depois desta, que cria um movimento em entrada ou em saída da sílaba nuclear. Já os tons de fronteira finais serão H%, L%, LH% etc., onde o último tom é realizado em final de frase, podendo ou não ser imediatamente precedido por outro alvo.

O nosso estudo tem como objetivo a documentação e a etiquetagem ToBI de uma porção do sistema fonológico entoacional do Tetum-Praça e do português de um grupo de falantes de Timor-Leste, assim como a comparação destes. Mais especificamente, analisaremos as realizações de 6 tipos pragmáticos de sentença-alvo nas duas línguas (declarativas neutras, perguntas polares neutras e com surpresa, perguntas disjuntivas, perguntas parciais, declarativas óbvias), para entender se, para cada um destes tipos frasais, 1) o Tétum possui padrões entoacionais coerentes entre os participantes e se 2) os contornos do Tétum são transferidos no português dos participantes.

Para tal finalidade, utilizaremos a metodologia do *Discourse Completion Task* (DCT, doravante) (BLUM-KULKA et al., 1989), uma coleta de dados correspondendo aos tipos de frase desejados, obtidos mediante o uso de um

questionário e de uma específica técnica de entrevista. Como a gravação foi realizada durante a pandemia de 2020, ela ocorreu de forma remota, principalmente mediante WhatsApp e outras ferramentas digitais e mídias sociais. Todas as questões referentes ao DCT, suas vantagens e limitações, desde os cuidados na preparação dos questionários até a contribuição dos participantes, no caso do Tétum, assim como os problemas da adaptação remota com os quais nos confrontamos, estão detalhadamente relatados em Barone e Albuquerque (2021).

Analisaremos os resultados de 3 participantes, uma falante nativa de Tétum, e L2 de português e dois falantes L2 de Tétum e L3 de português, sendo falantes nativos de Tokodede e Waimaha, respectivamente. Todos os participantes foram entrevistados em português e em Tétum. Para o português, foi desenvolvido um questionário prévio contendo as realizações dos 6 tipos de frases indicados. Em seguida, foi pedido que os participantes vertessem as frases para o Tétum, com alguns cuidados que emergiram de um estudo preliminar com outros falantes (BARONE; ALBUQUERQUE, 2021), como por exemplo, distanciá-las entre si para evitar um efeito de ‘eco’. No futuro, será interessante, com a ajuda dos participantes, a elaboração de outro questionário específico para o Tétum e possivelmente diferente do português, para confirmar os resultados.

No total, 60 sentenças, 23 em português e 37 em Tétum resultaram aceitáveis para análise e, com o auxílio do PRAAT (BOERSMA; WEENINCK, 2021), foi realizada sua etiquetagem ToBI e foi assim preparada uma tabela comparativa (veja Figura 8) para mostrar quais contornos utilizados em Tétum também ocorrem em português. Devido ao fato que existem, para cada tipo de frase, questões não triviais de comparabilidade segmental-sintática entre as línguas que justifique a comparabilidade estrutural dos contornos (ou seja, a correspondência entre as unidades menores que o compõem), discutiremos tais questões juntamente com os resultados, à medida que apresentamos os dados.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO: DECLARATIVA NEUTRA**

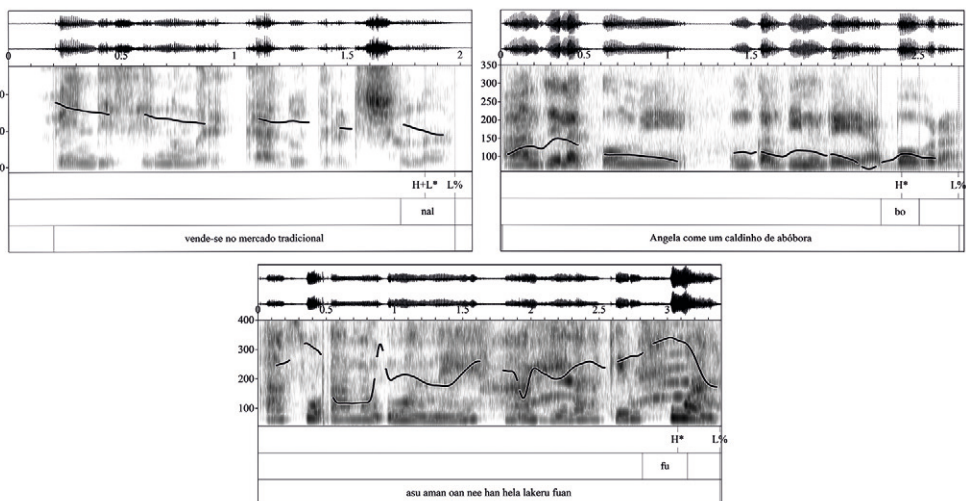
A declarativa neutra, ou declarativa de foco amplo, é uma frase declarativa onde a intenção informativa do falante é de não ressaltar nenhum elemento menor mais do que os demais e o foco é colocado no sintagma que representa a sentença inteira. Tal frase se distingue da declarativa de foco estreito, onde um constituinte menor é focalizado informativamente e costuma receber, no nível



prosódico, um movimento acentual saliente, que pode variar de língua em língua. O efeito prosódico da falta de foco informativo estreito, que também pode variar de língua para língua, não sempre consiste na mera ausência da proeminência que a língua atribuiria em caso de foco estreito. É possível que exista uma posição padrão cujo constituinte deva receber a mesma proeminência (foco prosódico), em caso de ausência de foco informativo. Nunca teremos a garantia de que o falante, por si só, não coloque um foco desnecessário sobre um constituinte menor, portanto o ideal seria usar, para este tipo de frase, uma amostra maior, descartando os contornos minoritários.

Os resultados da nossa documentação no PTL mostram dois contornos possíveis sendo utilizados para realizar as declarativas neutras, H+L\* L% e H\*L%, enquanto no TP encontramos apenas H\*L% (veja Figura 2). O contorno descendente H+L\* L%, é o mais comum entre as línguas do mundo para esse tipo frasal, utilizado também em todas as variedades de PE e PB observadas até agora. Já o segundo é um contorno que costuma salientar a sílaba tônica, geralmente encontrado nas exclamações ou para foco estreito. Podemos observar a seguir, exemplos de suas ocorrências.

Figura 2 – Os contornos das declarativas neutras em PTL (acima) e em Tétum (abaixo).



Fonte: Os autores.

A presença do contorno H\*L% no PTL pode significar 4 coisas: ou 1) os falantes nunca estão realizando uma declarativa neutra e a documentação é

falha, e, embora as chances deste tipo de erro se repetir em todos os falantes seja mínima, o único método para descartar isso é usar um número maior de ocorrências e compará-las como o foco estreito; ou 2) esse é o contorno do TP, e é transferido para o PTL, mas paralelamente os falantes de PTL aprendem, por imitação, e juntamente à língua, uma entoação que vem de outra variedade do português; ou 3) o contorno H+L\* L% também existe em TP, mas não o encontramos; ou 4) os falantes de PTL, ainda não fluentes, na tentativa de se certificar da correta marcação do acento de palavra, utilizam o *pitch* alto simultaneamente à intensidade e duração na sílaba tônica nuclear, realizando uma hipermarcação.

Nossa intuição, observando esses dados, se inclina em favor da hipótese 2), mas não é uma evidência suficiente, e precisamos documentar uma amostra maior para confirmar o achado. Também um só tipo de frase é pouco para afirmar a existência de mecanismos de transferência e sequer a existência fonológica de uma ‘imagem acústica’ de contorno entoacional que seja objeto de transferência. Vamos, portanto, corroborar nossa análise pelos outros tipos de sentença.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: INTERROGATIVA POLAR NEUTRA

A interrogativa polar neutra, ou pergunta sim/não informativa, é a pergunta que prevê as opções ‘sim’ ou ‘não’ como resposta, sem pressuposição (afirmativa ou negativa) por parte do falante, com a intenção de obter uma informação sobre uma ocorrência, e sem qualquer suspeita acerca do seu grau de verdade. À ocorrência, apresentada textualmente, se acrescenta a informação contextual de que o falante está querendo conhecer seu grau de veracidade. Em português, tal informação contextual (o ato da interrogação), diferente de línguas como o inglês ou o chinês, com raras exceções de inversão no PE, é inteiramente extratextual e expressa unicamente mediante entoação. Portanto, o material segmental de uma pergunta informativa é idêntico, em português, ao de uma sentença declarativa, e a entoação possui o papel crucial de distinguir as duas.

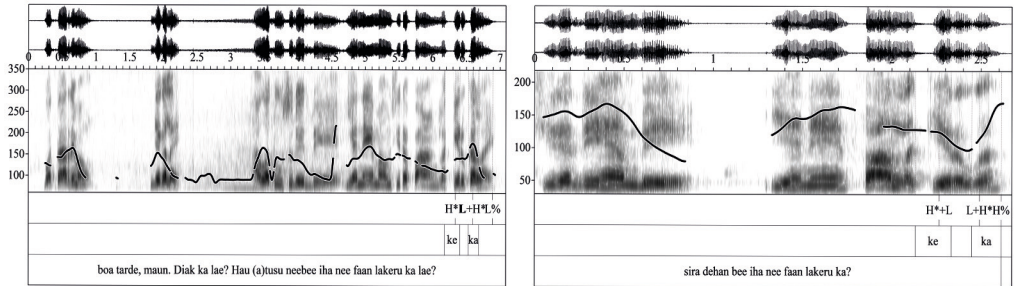
Já no Tétum, a interrogativa polar é realizada colocando opcionalmente, ao lado da afirmação declarativa, uma partícula interrogativa, ou marcador interrogativo polar, a saber, a expressão ‘ka lae?’ (literalmente ‘ou não?’) ou sua forma abreviada ‘ka?’ (lit. ‘ou...?’). As realizações de tais formas em

Tétum confirmam que a partícula ‘ka’ é portadora de acento primário na expressão ‘ka lae’ e não cliticiza com a palavra anterior quando abreviada.

Ex: Iha nee faan lakeru ka (lae)?

Aqui vendem abóbora, OU (NÃO)?

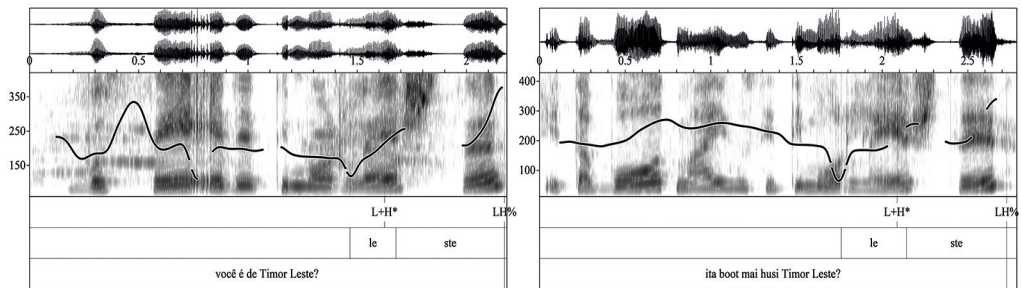
Figura 3 – Contornos das perguntas polares com ‘ka lae’(L+H\*L%) e com ‘ka’(L+H\*H%).



Fonte: Os autores.

Do ponto de vista da entoação, podemos esperar que a mesma divisão informativa seja refletida na entoação, ou seja, que o falante produza o primeiro trecho antes de chegar ao ‘ka’ exatamente como uma declarativa, desvelando somente em seguida sua intenção interrogativa. À primeira vista, isto ocorre, já que a primeira parte das interrogativas que analisamos possuem um acento H\* como o acento nuclear da frase declarativa (H\*L%). Ao reanalisar a sentença como interrogativa, contudo, tal acento se torna pré-nuclear, e o que contribui à nova pragmática (interrogativa) é o acento L+H\* na partícula ‘ka’. Porém, na primeira forma, a pergunta ‘ou não?’, que recebe um acento descendente, pode ser considerada como uma verdadeira pergunta disjuntiva, em quanto a forma abreviada, mais frequente, pode estar sofrendo reanálise como pergunta polar, tanto no nível segmental, quanto no suprasegmental. Devemos, portanto, analisar as perguntas polares do Tétum sem a expressão ‘ka’/‘ka lae’ e comparar estas com as perguntas polares em português. A pergunta ‘Você é de Timor Leste?’ é facilmente comparável porque, se em Tétum não for usada a forma ‘ka’, a sílaba nuclear é ‘Le’ como em português.

Figura 4 – Os contornos polares em Tétum e Português: L+H\*(L)H%.



Fonte: Os autores.

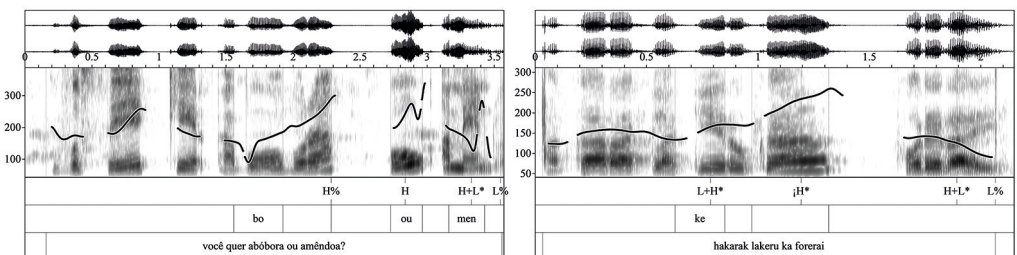
Em ambas as línguas, as perguntas polares se caracterizam por um acento ascendente. O tom de fronteira exibe uma variação, podendo ser ascendente (como mostrado em figura) ou alto, também encontrado e idêntico à forma em ‘ka’ na figura anterior. Podemos concluir, portanto, que no tocante a esse tipo de sentença, há evidência, seja da transferência prosódica, como da reanálise suprasegmental da forma declarativa+‘ka’ como pergunta polar.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO: PERGUNTA DISJUNTIVA

Como já mencionamos, perguntas disjuntivas são expressas por duas sentenças unidas pelo marcador ‘ka’ que, por esta razão, foi traduzido aproximativamente com ‘ou’ e que vimos que é reanalisado como marcador polar. Observe-mos a sentença a seguir nas suas línguas:

Você quer abóbora ou amêndoa? / Ita hakerak lakeru ka forerai?

Figura 5 – Os contornos das perguntas disjuntivas.



Fonte: Os autores.

A correspondência dos contornos é muito patente: nas duas línguas podemos notar um tom particularmente alto no conector disjuntivo ‘ou’/‘ka’ e uma

pausa saliente (área branca), logo após este. Notamos também que a primeira parte da frase em Tétum, com seu contorno e fronteira alta, corresponde exatamente a uma pergunta polar (forma com marcador ‘ka’). Tudo faz pensar em uma transferência do contorno entoacional disjuntivo como um todo. Todavia, tal transferência não é realizada com a consciência da função que cada parte exerce na frase, sintaticamente como prosodicamente: diante da semelhança dos contornos, há uma assimetria segmental entre o uso de ‘ou’ em português e o de ‘ka’ em Tétum: enquanto em português é possível quebrar uma pergunta disjuntiva em duas perguntas, sendo a primeira polar, e a segunda uma ‘retomada’ disjuntiva, como ‘Você quer abóbora? Ou prefere batata?’ (mas certamente não como ‘Você quer abóbora ou? Prefere batata?’), em Tétum, tal forma é ausente, porque é impossível começar uma sentença por ‘ka’. Por isso, se a primeira pergunta foi posta em Tétum como polar ‘Você quer abóbora?’, não podemos esperar uma ‘continuação’ disjuntiva.. De fato, o elemento ‘ka’ na Figura 5 é ancorado ao sintagma que o precede, com o qual forma uma pergunta polar, até pela entoação da frase truncada, sendo assim difícil acreditar que ele possa atuar como o núcleo sintático de um ConjP e formar um sintagma juntamente à frase seguinte, diferente do que ocorre em português.

Esse é um exemplo muito singular de duas estruturas, nas duas línguas, que parecem comparáveis pela ordem das unidades correspondentes, mas sua constituição sintática é incomparável, gerando transferência do contorno total sem que seja claro quais são as unidades menores e qual sua função.

## **6 RESULTADOS E DISCUSSÃO: PERGUNTAS PARCIAIS**

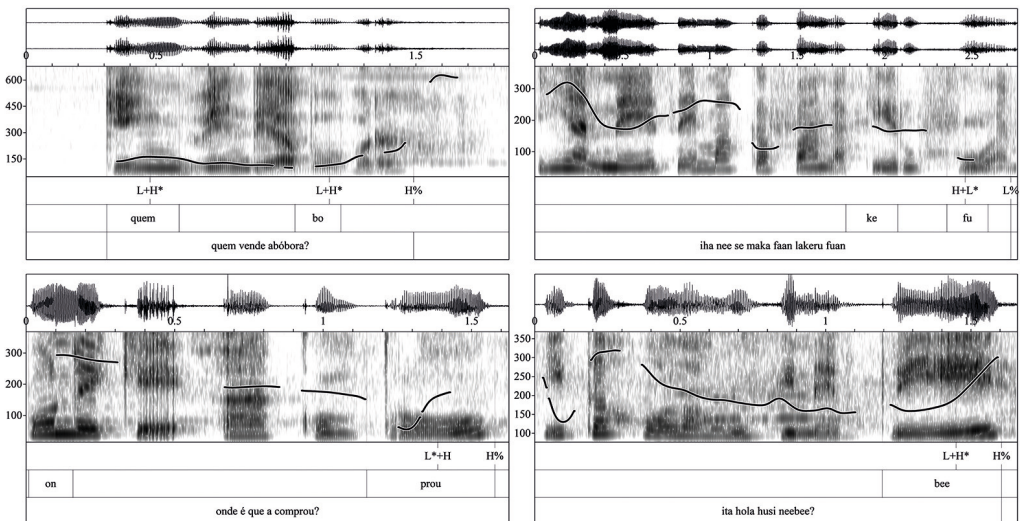
Nas línguas entoacionais como o português, as perguntas parciais (ou perguntas abertas, ou perguntas qu-) costumam levar um acento prénuclear na palavra qu- (assim é chamado o pronome interrogativo ‘quando’, ‘quem’, ‘o quê’, ‘como’, ‘onde’, ‘por quê’...). Na nossa situação, existe uma assimetria que torna trabalhosa a comparação das estruturas entoacionais. Com efeito, enquanto em português a estrutura mais frequente de pergunta parcial coloca o pronome interrogativo no começo da sentença, em Tétum não é possível realizar o movimento do pronome interrogativo qu- para a periferia esquerda, e este é realizado *in situ*, ou seja no lugar onde é gerado sintaticamente, sendo tal lugar o final da sentença, se se tratar de objeto (o quê (ACC)?, quem (ACC)?, a quem?), PP ou

adjunto (por quê?, quando?, onde?, como?...) e à esquerda somente se for sujeito (o quê(NOM)?, quem(NOM)?).

<u>Quem</u> vende abóbora?	<u>Se mak</u>	faan	lakeru?
	<u>Quem</u> que	vende	abóbora
<u>Onde</u> (se) vende abóbora?	Lakeru	faan	<u>neebee</u> ?
	Abóbora	vende	<u>onde</u> ?

Existem, portanto, duas maneiras de tornar as estruturas nas duas línguas comparáveis: 1) utilizar pronomes interrogativos de sujeito em Tétum; ou 2) forçar sua realização in situ em português. O segundo método, porém, é pouco compatível com a estrutura metodológica do DCT, onde o entrevistador não pode mencionar trechos da frase para não condicionar o falante, e uma instrução metatextual que force a realização in situ em português se revela difícil de construir sem mencionar explicitamente as partes do discurso envolvidas. Portanto, resolvemos incluir no questionário em Tétum perguntas parciais que utilizam o pronome interrogativo de sujeito ('quem?').

Figura 6 – Os contornos das perguntas parciais neutras.



Fonte: Os autores.

Os resultados mostram que um tom ascendente é sempre realizado no pronome *qu-*, porém, em posição nuclear, enquanto o português (onde a palavra nuclear não é a palavra *qu-*) sempre exibe outro contorno ascendente com fronteira

alta (LH H%), o Tétum somente produz contorno nuclear ascendente quando a palavra nuclear coincide com a palavra *qu-*, ou seja, pela maioria dos pronomes (adjuntos e objetos), mas não no único caso que justamente corresponde à ordem sintática portuguesa. Na frase ‘*se maka faan lakeru fuan?*’ (‘quem vende abóbora?’) o contorno nuclear é H+L\*. Isso pode ser explicado da forma seguinte: como a realização final da palavra *qu-* é de longe a mais frequente em Tétum, o contorno ascendente é associado à pragmática interrogativa parcial. Em seguida, tal contorno é aplicado ao português ‘na sua totalidade’ sem que os falantes façam a correspondência entre unidades segmentais das duas línguas durante o mecanismo de transferência.

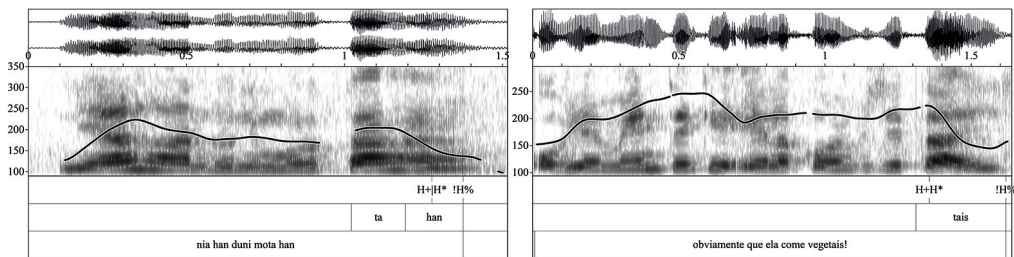
## **7 RESULTADOS E DISCUSSÃO: DECLARATIVAS ÓBVIAS E PERGUNTAS POLARES COM SURPRESA**

As perguntas polares com surpresa são perguntas que expressam a incredulidade do falante a respeito de uma possível resposta positiva. É difícil situar o valor epistêmico da expectativa do falante acerca da resposta, quando realmente este não acredita na possibilidade do que pergunta, ou aceita o improvável como verdade, mostrando apenas sua surpresa. As declarativas óbvias, ou de obviedade, são aquelas em que o falante expressa, acerca do texto afirmado, uma implicatura epistêmica de que não só o julga verdadeiro, mas que o julga obviamente verdadeiro, e sobretudo, a respeito do interlocutor, sua própria surpresa que este possivelmente não o considere igualmente óbvio. As declarativas de obviedade podem ser realizadas como meras exclamativas, outras vezes com um foco contraditório, ou com uma entoação de surpresa, pois elas possuem um viés de contraexpectativa acerca do não compartilhamento com o falante da mesma postura epistêmica.

Com respeito aos dois tipos de frase mencionados, é tarefa delicada e técnica induzir os falantes a produzir as sentenças que incluam todas essas nuances, distinguir entre elas e se certificar que estejam sendo colocadas. Certamente, não esperamos uma classificação exaustiva pela entrevista de apenas 3 falantes. Contudo, devemos anotar os resultados positivos, ou seja, os contornos salientes que foram encontrados, no sentido que não são previsíveis e são distintos de outras modalidades investigadas (declarativa ou pergunta polar neutra) e porventura correspondendo entre as duas línguas. Por isso, não entraremos nos pormenores da análise e apenas apresentaremos, na figura a seguir, um exemplo de par de

contornos das declarativas óbvias, nas duas línguas que sugere transferência, e diremos que as perguntas com surpresa também apresentaram contornos muito semelhantes. O contorno em figura, muito peculiar, mostra uma queda incompleta ou ‘suspensa’ de um tom alto para um tom médio, realizada entre a sílaba nuclear e a fronteira.

Figura 7 – As declarativas óbvias: H+(!)H\* !H%.



Fonte: Os autores.

## 8 CONCLUSÕES

Na tabela comparativa a seguir, os contornos realçados são encontrados em Tétum e, em forma idêntica ou muito parecida, também em português. Embora, em alguns casos, as correspondências segmentais entre as duas línguas não se deem de forma completamente transparente, e uma minoria de contornos sejam previsíveis pelos códigos biológicos ou compartilhadas pelas demais variedades de português, julgamos que os dados fornecem evidência suficiente para postular um mecanismo de transferência sistemático. Em particular, são consideráveis as semelhanças entre os contornos das perguntas polares e parciais, com surpresa e a declarativa óbvia, nas duas línguas, assim como o tom alto no marcador ‘ka’/‘ou’, seja nas perguntas polares, como nas disjuntivas. Resta estabelecer se, para os tipos de sentença onde falta correspondência segmental, a transferência envolve o contorno na sua totalidade fonética, ou há um reconhecimento e consciência das unidades menores de fraseamento correspondentes nas duas línguas.



Quadro 1 – Os contornos do português timorense e do Tétum por tipo de sentença.

	PTL	TP
Declarativa Neutra	H*L%, H+L* L%	H*L%
Pergunta parcial neutra	(LH)H%	(LH)H%
		H+L* L%
Pergunta polar neutra	(LH)H%	(LH)H%
	(LH)LH%	(LH)LH%
Pergunta com surpresa	H+L* H%	H+!H* H%, H+L* ;H%
	(L+H)* !H% (neutra?)	L+H* L-H% (neutra?)
	(LH) L% (exclamativa?)	
Declarativa óbvia	H+H*!H%	H+!H*!H%, (H+)H*!H%
	H*+L L% (neutra?)	H*L% (neutra?)
Pergunta disjuntiva (1º item)	L+H* H%	L+H* ;H%
Pergunta disjuntiva (2º item)	H+L* L%	H+L* L%
	L+H* L% (Hipermarcação da tônica?)	

Fonte: Os autores.

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, S.; GOGLIA, F. Linguistic innovations in the immigration context as initial stages of a partially restructured variety: Evidence from SE constructions in the Portuguese of the East Timorese diaspora in Portugal. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 8, n. 1, p. 1-33, 2015.
- ALBUQUERQUE, D. B. O Português de Timor Leste: contribuição para o estudo de uma variedade emergente. *Papia*, v. 21, n. 1, p. 65-82, 2011.
- BARONE, M.; ALBUQUERQUE, D. B. Adaptando o Discourse Completion Task: a documentação da fonologia prosódica em tempos de pandemia. *Enlaces - Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 2, 2021.
- BARONE, M. On only pragmatically driven intonational change. *In: Proceedings of 11<sup>th</sup> international conference on experimental linguistics. Ex-ling 2020. Aténas, 10-12/10/2020, 2020, p. 54-57, 2020.*
- BATORÉO, H. J. The contact induced partial restructuring of the non-dominating variety of Portuguese in East Timor. *In: MUHR, R. (ed.). Pluricentric*

Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide: the pluricentricity of Portuguese and Spanish: new concepts and descriptions. Vol. II. Viena/ Frankfurt: Peter Lang Verlag, 2016. p. 137-53.

BLUM-KULKA, S.; HOUSE, J.; KASPER, G. Investigating cross-cultural pragmatics: an introductory overview. *In*: BLUM-KULKA, S.; HOUSE, J.; KASPER, G. (orgs.). *Cross-Cultural Pragmatics: Requests and Apologies*. Norwood, NJ: Ablex, 1989, p. 1-34.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. Praat: doing phonetics by computer [Programa de Computador]. Version 6.1.39, 2021. Disponível em: <http://www.praat.org>. Acesso em: 24 fev. 2021.

FROTA, S. *Prosody and Focus in European Portuguese: Phonological Phrasing and Intonation*. New York: Garland, 2000.

GILI FIVELA, B.; AVESANI, C.; BARONE, M.; BOCCI, G.; CROCCO, C.; D'IMPERIO, M.; GIORDANO, R.; MAROTTA, G.; SAVINO, M.; SORIANELLO, P. Varieties of Italian and their intonational phonology. *In*: FROTA, S.; PRIETO, P. (orgs.). *Intonational phonology of the regional varieties of Italian*. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 140-197.

GORDON, M. The phonology of pitch accents in Chickasaw. *Phonology* 20, p. 173-218, 2003.

GUSSENHOVEN, C. Foundations of intonational meaning: Anatomical and Physiological Factors. *Topics in Cognitive Science*, 8(2), p. 425-434, 2016.

HULL, G. A Morphological Overview of the Timoric Sprachbund. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, 4, p. 98-205, 2001.

PIERREHUMBERT, J. *The phonetics and phonology of English intonation*. Tese de Doutorado, Massachusetts Institute of Technology, 1980.

SILVERMAN, K.; BECKMAN, M.; PITRELLI, J.; OSTENDORF, M.; WIGHTMAN, C.; PRICE, P.; PIERREHUMBERT, J.; HIRSCHBERG, J. TOBI: a standard for labeling English prosody. *In*: J. J. Ohala, T. M. Nearey, B. L. Derwing, M. M. Hodge and G. E. Wiebe (eds.). *Proceedings of the 1992 International Conference on Spoken Language Processing*, vol. 2. Department of Linguistics, University of Alberta, 1992, p. 867-870.